

# POVO MOÇAMBICANO AMA E DESEJA A PAZ

— Presidente da República no discurso de boas-vindas a João Paulo II

O Presidente da República, Joaquim Chissano, afirmou na noite de ontem, no Palácio da Ponta Vermelha, ao proferir o discurso de boas-vindas ao Papa João Paulo II, de visita ao nosso País, que «este povo, que hoje o recebe em festa, é um povo que ama e deseja a paz e que por ela tem aceitado os mais dolorosos sacrifícios, que com grande coragem e abnegação tem sabido combater sucessivamente contra a dominação colonial, a agressão racista e a desestabilização terrorista». O Chefe do Estado falava momentos depois de ter apresentado ao Santo Padre, um por um, os membros do Governo da República Popular de Moçambique.

No seu discurso, o Chefe do Estado justificou que o Povo moçambicano sabe e conhece que o desenvolvimento é novo nome da paz, numa citação do discurso proferido há duas décadas pelo antepredecessor de João Paulo II o Papa Paulo VI.

— Por isso — sublinhou Chissano — dedicamos as nossas capacidades e energias à construção de um futuro próspero para todos. Um futuro que as forças do passado incensantemente procuram destruir.

Para o Presidente Chissano o binómio paz e desenvolvimento constitui a aspiração essencial do Povo moçambicano, a preocupação central do Estado moçambicano.

A política do não-alinhamento prat-

te para defender a liberdade da Pátria, a independência da Nação — disse o Presidente Chissano, numa alusão implícita a guerra de agressão que nos é imposta do exterior e perante a qual somos forçados a defender-nos de armas na mão.

— A África Austral vive dois processos contraditórios. Um é o do conflito, que se radica no passado colonial, na persistência de ambições de dominação na sobrevivência do «apartheid» um sistema político alicerçado na desigualdade dos homens e na discriminação racial. O outro é o da solidariedade entre os povos e Estados que unem os seus esforços e conjugam os seus recursos para promover o desenvolvimento económico e social — destacou o Presidente da

diceção do «apartheid» na África do Sul.

## BUSCA DA PAZ

Tal como destacou o dirigente máximo da Nação moçambicana, o Estado moçambicano continua empenhado em trabalhar para que estas perspectivas se materializem por forma a que, na paz, na independência, na igualdade dos homens e das nações, se afirmem a cooperação e a solidariedade como factores essenciais do desenvolvimento de todos os povos da África Austral.

Falando da questão da Unidade nacional, Chissano apontou o facto histórico de a própria Nação moçambic-

ocupação estrangeira e hoje orgulhamo-nos de os ter como cidadãos activos e dedicados, reconciliados com a Nação, à qual, numa fase da sua vida, se opuseram até com violência — afirmou o Presidente Chissano, em jeito de introdução das Leis da Amnistia e do Perdão aprovadas pelo Estado moçambicano, para mais adiante afirmar:

— A Lei da Amnistia e a Lei do Perdão, promulgadas recentemente pelo nosso Estado, são partes importantes destes esforços de reconciliação. «Las constituem um apelo a que os moçambicanos instrumentalizados pelos autores da desestabilização e brutalizados pela guerra se reconciliem com a sua Pátria e com o povo a que pertencem, se reintegrem na própria família, na comunidade que é a sua e na edificação de um destino nacional que também é seu.



O Chefe do Estado proferindo o seu discurso de boas-vindas ao Papa João Paulo II

cado pelo Estado moçambicano foi apontada pelo Presidente da República como tendo os seus principais vectores na procura da paz no mundo, do desarmamento, da solução pacífica dos conflitos e tensões e na promoção da cooperação e solidariedade entre as nações.

Focalizando a situação prevalente na nossa região, o mais alto dirigente do Povo moçambicano afirmou que a República Popular de Moçambique tem buscado, para si e para a conturbada zona de que faz parte todas as vias justas e dignas de promoção da paz e progresso.

— O nosso esforço tem sido amplamente reconhecido e apoiado pela comunidade internacional — frisou.

## ARMAS PARA DEFESA DA PAZ

— As armas, que ainda somos forçados a empunhar, são exclusivamen-

te para defender a liberdade da Pátria, a independência da Nação — disse o Presidente Chissano, numa alusão implícita a guerra de agressão que nos é imposta do exterior e perante a qual somos forçados a defender-nos de armas na mão.

Apesar da situação que ainda caracteriza a África Austral, o Chefe do Estado defendeu, todavia, que vivemos um período em que se manifestam sinais encorajadores e se abrem perspectivas conducentes ao progresso da paz na nossa região.

Mesmo considerando esses sinais encorajadores, Chissano considera, no entanto, que a plena realização dessas perspectivas não é possível sem mudanças profundas.

Assim, o racismo, a opressão e a injustiça foram qualificados pelo Presidente da República no seu discurso como sendo as fontes inesgotáveis de violência, pelo que os caminhos da paz passam necessariamente pela independência da Namíbia e pela erra-

ção da questão da Unidade nacional, Chissano apontou o facto histórico de a própria Nação moçambic-

ca ter nascido de um processo de libertação, onde a Unidade entre todos os moçambicanos foi o agente fundamental.

## CLEMÊNCIA E UNIDADE

O Presidente Chissano afirmou ainda que o Estado moçambicano promove a forma consequente uma política de diálogo e de unidade, prática esta que tem as suas raízes na tradição de clemência que inspirou a Luta Armada de Libertação Nacional.

— Após a guerra colonial, dedicamos particular atenção aos nossos compatriotas comprometidos com a